

DOSSIÊ daGAVETA



Caio Liima, natural de Nova Iguaçu, no subúrbio do Rio de Janeiro, é estudante de Letras – Literaturas na UFRJ e escritor de suspense e terror, com uma produção marcada por protagonistas negros e LGBTQ+, o que mescla suas vivências pessoais aos seus livros. Brilhando na cena literária independente, já publicou na Amazon os livros *Céu de Asfalto* (2024) e *Fruto Podre* (2025).

DOSSIÊ daGAVETA

Mariana Brito (entrevistadora daGaveta): Primeiramente seu nome, idade, a sua cidade natal...

Caio Liima: Então... Meu nome é Caio Liima. Tenho 26 anos. E eu vou falar que eu sou de Nova Iguaçu. Vou manter o sou de Nova Iguaçu. Não tô morando lá, mas eu sou de lá. Quero tratar esse local.

M.B: No momento você tá morando por onde mesmo?

C.L: Tô morando em Bonsucesso.

M.B: E quando você começou a escrever? O que te despertou essa vontade de escrever?

C.L: É, então, eu tava até pensando ali sobre, um pouco, essa trajetória com escrita comigo foi um pouco complicada, porque o primeiro livro que eu peguei e gostei, eu já tinha lido bastante *Turma da Mônica* e tudo mais, só que foi um livro que não era pra eu ler. Eu tinha oito anos de idade, é o *Mistério do Trenzinho Caipira*, apesar do nome, é um livro um pouco mais sério, é um livro infantil, mas é um livro que eu acho um tanto sério.

Eu não conheço o escritor ou a escritora, peço até hoje pra ninguém me falar, porque eu não quero nem ver a cara. Eu gosto muito, eu não quero ter nenhum contato, porque foi algo que me moldou, assim. Então, é um livro sobre suspense, mistérios, tem assassinato. E eu fiquei encantado de que um livro poderia ter tanta coisa que me prende. Então quando eu comecei a escrita, foi junto com esse livro, ali pelos oito anos, histórias péssimas, tá, gente? Só histórias rascunhadas assim no papel, que eu achava que era alguma coisa.

E quando eu me entendi como escritor realmente, foi no Wattpad, lancei meu primeiro livro com 17 anos. É, 17 anos ali no Wattpad, e antes disso eu só lia fanfics. Então esse processo de me tornar escritor foi uma construção. Pegando um pouco dali, um pouco daqui, um pouco daqui, e aí veio.

M.B: Quais gêneros você tinha interesse quando consumia as obras do Wattpad e como foi essa transição do Wattpad como leitor e escritor para um autor com obras na Amazon?

C.L: Foi bem forte, assim, porque a minha escrita mudou muito. O meu primeiro livro da Amazon foi na pandemia, então estava nesse momento extremamente conturbado do Brasil, do mundo, mas do Brasil estava extremamente conturbado. E o que eu mais senti foi a pressão do público, pelo menos comigo, porque no Wattpad não tem

DOSSIÊ daGAVETA

o tanto de crítica que tem quando você coloca um livro à venda. E é o certo, porque é um produto também.

Então, enquanto estava no Wattpad, eu estava tendo um conforto. Quando foi para a Amazon, o conforto acabou. Graças a Deus, ele acabou. Então eu tive que lidar com o público, meio que cobrando, meio que falando, meio que elogiando e criticando. Então, para mim, me moldou, eu acho que foi o meu processo de um posso ser um escritor no Brasil, eu acho que eu tenho essa coragem, essa confiança de conseguir fazer isso. Para mim, foi um momento único. Foi uma virada de chave, vamos dizer assim, como profissão.

M.B: *Quais são os autores que te inspiraram e despertaram a vontade de produzir e escrever sobre suspense, sobre romances? Tem muito sobre você nessas obras, mas muitas referências, quais são esses nomes?*

C.L: Tenho, eu tenho, gente... Assim, para mim, o Jorge Amado, já falando. Mas eu queria ser filho dele, eu queria ser alguma coisa dele, eu queria escrever os livros dele, é porque para mim, às vezes não funciona como inspiração, eu queria que ele baixasse em mim, você está entendendo? Eu tenho um pouco de inveja, gente, de um morto, acontece. Mas eu acho o Jorge Amado um dos maiores escritores do Brasil, acho a potência da escrita dele surreal, você lê e vê brasilidade. Você pega assim... não é como as outras pessoas faziam, num ponto de, não criticando os outros escritores, mas ele tem uma certa brasilidade de ousadia, de uma confiança na própria escrita, um jeito de falar diferente. Então, quando eu li, eu li *Capitães*, a primeira vez que eu li foi *Capitães*, eu falei, pode fazer isso num livro? Eu não estava sabendo. Então, ele foi a minha maior inspiração. E a Socorro Acioli, sou muito fã da Socorro. Acho que, no momento atual, é uma das minhas escritoras favoritas, mas não a que eu mais leio. Mas é o jeito que ela escreve o livro que também me interessa bastante, de mudar um pouco a forma. Não gosto de escritores que fazem isso. Às vezes tem uma história muito boa, mas a forma do livro não muda. Então, suspense, terror, romance. Eu não ligo muito pro gênero. Eu ligo mais sobre como a história vai ser contada.

M.B: *Falando sobre Nova Iguaçu, você como morador ao retratar a cidade como o sertão baixadiense, como moradora de Queimados me sinto representada de alguma forma quando você usa esse mito do sertão, o lado que foge da central é o lado mais "interiorano/caipira". Então, você cresce em Nova Iguaçu, vai para o centro do Rio, então existe essa transição geográfica. Como isso te influencia dentro do seu trabalho e de que forma você aborda isso?*

DOSSIÊ daGAVETA

C.L: Olha, eu pude ver a cidade. O estado do Rio de Janeiro é gigante, só que a transição da Baixada pro Centro é surreal, assim, ela é uma coisa que é fora de casa. Na Baixada eu me sinto em casa, ponto. Vir pra cá é um estranhamento, apesar de ser muito comum, porque ainda é o Rio de Janeiro, ainda é Brasil, só que parece um lugar, pelo menos nas primeiras vezes que eu venho pra cá, parece um lugar que ele não... Eu não estou nem falando de preconceito nem nada, mas é um lugar que não te convida. Então é difícil a condução. Aí já começa o problema. É difícil chegar aqui, aqui no Centro. Eu não digo nem, tipo, Copacabana. É difícil chegar aqui, e quando você chega, é difícil você ter esses acessos. Você tem que andar muito, você tem que conhecer tal lugar, você não pode ir a tal lugar, tudo fica muito difícil. Então eu acho que na minha escrita foi isso, né? Na minha escrita eu acho que o que mais impactou foi perceber que nesses lugares, o Rio de Janeiro não é o mesmo. E aí eu tinha certas noções, tipo assim, não, tem esse Rio aqui, e tem ali Copacabana, Ipanema, etc. Mas não, tem vários Rio de Janeiro dentro do Rio de Janeiro, assim. Então, o processo de ir pra UFRJ mudou o meu ponto de eu não consigo mais falar, não consigo mais escrever de um jeito que pareça estadunidense, de um jeito que não tenha um pouco mais algo regional. Porque tava me atravessando muito. Acho que a vivência do Rio de Janeiro, ela começa a te atravessar tanto que você tem que colocar algum lugar. Sabe? Isso pra fora. E aí foi isso, foi natural. Assim, natural forçado, o Rio de Janeiro me forçou isso. Mas foi natural. Foi direto pra minha escrita.

M.B: No que diz respeito aos seus personagens principais, que são homens negros e pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, como você se coloca dentro dessas histórias? E existe a necessidade de você se distanciar das suas vivências ou se você mantém ela nas sua escrita?

C.L: Gente, eu vou dar uma decepcionada, talvez. Eu não tinha percebido que os meus protagonistas todos são LGBT. Pra mim sempre, sério, tipo assim, só veio. E aí eu lembro do meu primeiro livro, no Wattpad, que um dos protagonistas, são dois, ele é bissexual. E foi natural. Não foi algo pensado, vou fazer isso para... Não. E aí quando fui ver todos, todos tinham, então eu não consigo escrever algo que eu não me veja, não consigo. Não consigo escrever alguma coisa que eu não fale: tem um pouco de mim aqui. Porque a minha escrita, acho que de todos os escritores, tem que ter um pouco de você. Você tem que se ver, tipo assim, essa história está me conectando, me agrada mesmo, entendeu? Então, eu sendo o meu primeiro crítico, eu fico tipo assim, eu não consigo colocar algo que não tá na minha vida, gente. Sendo bem egoísta mesmo. Tipo assim, eu não consigo não botar uma pessoa preta, não consigo não botar uma pessoa LGBT. Pra mim não dá. Então, outra coisa que eu percebi, a maioria dos meus personagens, a maioria dos meus personagens não, a maioria dos

DOSSIÊ daGAVETA

meus livros tem personagens bissexuais, e eu me descobri bi em 2019, foi bem recente, assim, digamos, né? Outra coisa que eu fiquei, cara, eu acho que sempre esteve ali, de alguma forma, sabe? Só que é isso, é natural pra mim, eu me vejo nos meus personagens totalmente, dos que eu não gosto, dos que eu gosto. Eles têm medos meus, têm tudo, e de outras pessoas que me cercam, as pessoas que me cercam dificilmente são heterossexuais. E quando são heterossexuais, não são brancos, é muito difícil, entende? Então, eu gosto de escrever sobre a minha realidade. Não consigo pegar um livro meu e fazer uma fantasia, uma prospecção numa vida de outra pessoa, entende? Não consigo.

M.B: Tem um trecho do livro *Fruto Podre* em que você evidência a junção dos nomes do protagonista e do santo casamenteiro Antônio de Pádua. Como foi trabalhar com assuntos como catolicismo e fazer dele uma parte essencial da obra, visando uma Nova Iguaçu dentro do espectro religioso e até mesmo conservadora?

C.L: Então, eu não nasci numa família totalmente cristã. Então, pra mim, já foi um processo mais fácil de entender outras religiões, pelo menos.

E também não nasci de uma família de só uma religião. Então dei essa sorte de sempre estar ali querendo saber mais, entender como funciona o processo religioso. Essa brincadeira com o Santo Antônio e o Antônio foi, eu não digo sem querer, mas foi o acaso que fez se juntar. Porque, meu Deus, não vou falar isso. É porque ele é inspirado numa pessoa... Não, vou falar, sim. Ele é inspirado no meu pai. Meu pai se chama Antônio. Só que aí, eu já queria trazer o Santo Antônio porque o Santo Antônio é correlato a Exu. E esse livro tem uma bagagem de Exu ali, bem por trás. E aí eu falei "meu Deus, Santo Antônio tem o Antônio, casou". E aí eu fui criando, não a história em cima disso, mas eu fui criando toda a narrativa dele em cima de... Já que Santo Antônio é um santo casamenteiro e tudo mais, em cima de alguém que não sustenta o casamento, entende? Porque eu queria trazer essa outra versão do Santo Antônio. Não do Santo Antônio, pelo amor de Deus, do Antônio. Mas... Mais o que você falou? Sobre a religião?

M.B: Como é a sua visão como autor de suspense quando se trata da religião e como você usa a liberdade de escrita pra retratar essas histórias?

C.L: Eu, assim, tenho um fascínio pela Igreja. Não tanto no ponto de ser da igreja, eu acho que tem tantos assuntos que tem como debater e ser, desculpa, mas ser contra, tipo desafiar. E é tão sensível, tipo, pessoas na Igreja costumam ser sensíveis e são assuntos sensíveis, eu gosto disso, exatamente disso. Eu acho que o Jorge Amado tem um pouco também sobre a questão de religião, que ele fala muito sobre macumba

DOSSIÊ daGAVETA

e tudo mais. E eu sempre pensei, eu acho que é isso que eu quero fazer, eu quero falar sobre coisas que a gente não está falando por medo ou por receio. E quando fala muito de um jeito muito errado, então eu estava querendo trazer um pouco de um jeito mais crítico. Acho que a minha escrita se relaciona com isso. Eu acho que é fácil pra mim, porque minha família sempre teve esse movimento de religião. Ao mesmo tempo que é desafiador falar enquanto um homem preto perante a sociedade, eu sei que eu vou ter menos leitores, eu sei que portas vão ser fechadas por causa disso, só que é impossível não colocar essas coisas, porque eu acho que elas precisam ser faladas, e principalmente elas precisam ser faladas que eu preciso falar dessas coisas como escritor mesmo.

M.B: No seu livro *Céu de Asfalto*, você revela uma outra face da cidade do Rio de Janeiro, uma mais sombria, mas que também é uma grande parte da identidade da cidade. Quais são as camadas que você enxerga nas pessoas e nos espaços urbanos do Rio e como lida com isso na hora de construir cenários, atmosferas?

C.L: Então, eu estava querendo contar a história do Rio de Janeiro pela minha perspectiva. E aí, *Fruto Podre* ia sair antes de *Céu de Asfalto*, não saiu por uma questão de logística minha em mercado, assim, porque eu pensei que não era um livro atrativo, e foi, mas eu estava com muito receio de falar sobre temas familiares, mais ainda em Tinguá, ninguém conhece Tinguá. E ainda tratar Tinguá como sertão, entende? E aí, eu acho que o mais, como é que eu posso dizer? O mais interessante pra mim foi pegar exatamente isso, um lugar que as pessoas não falam sobre, então elas não vão ter quase nenhum livro sobre isso. E elas também não vão ter, elas não vão ter não, elas vão ter muita curiosidade. Eu acho que o lance em *Fruto Podre*, quando eu vou falar sobre o sertão carioca, se passa no Recreio, tem um certo grupo de pessoas que moram em uma área afastada, numa zona demarcada, que não são indígenas, são pessoas que vieram de outros estados, ou que, enfim, foram pra lá, morar lá, e aí criaram esse sertão, uma espécie de sertão ali, elas moram em casas de pau-a-pique, etc. Só que eu falei, esse não é o único sertão, só porque ele está demarcado, como a prefeitura quis ou qualquer coisa assim. E aí, quando eu pensei em Tinguá, eu falei, é exatamente esse lugar. Então, pra mim, o sertão carioca, ele tem a sua própria realidade, ele tem a sua diferença, quando você é de Nova Iguaçu e de adjacências, você vai em Tinguá, você sente que é um lugar completamente diferente. E, eu fiquei pensando que, quando eu fui falar de Madureira, em *Céu de Asfalto*, eu estava fazendo essa transição, saindo da Baixada, até chegar no Centro. Meu próximo livro, eu estou querendo que seja no Centro, que eu queria falar sobre essa via, assim. Então, colocar Madureira foi mais fácil. Madureira é um lugar que a maioria das pessoas conhecem, então, o arcabouço de Madureira, de pesquisa, de tudo, é muito mais fácil de tratar. Pra mim, foi tranquilo. Madureira, né? Agora, *Fruto Podre* não tanto.

DOSSIÊ daGAVETA

M.B: Para finalizar, o que você gostaria de deixar para os futuros autores cariocas como herança dentro da literatura brasileira?

C.L: Ai, meu Deus. Não me preparei. Tá, eu quero deixar... Eu vou tentar não deixar algo só social, porque a Amanda deu uma resposta ótima. Não sei quem está na ordem, mas foi incrível. Eu acho que eu vou deixar algo mais artístico num ponto de pessoal, eu acho que pra ser ousado. Quero deixar um exemplo de ousadia máxima, sem se preocupar tanto com português, com vírgula, com ponto, com nada. Conte uma história, mas conte uma história ousada, uma história diferente, que seja sua, porque ninguém vai contar essa história. Ninguém. Ninguém vai contar o dia que você pegou um limãozinho lá no vizinho.

Então, essas particularidades são a sua própria ousadia. Eu acho que se você tem uma certa identidade, e você é artista, escritor ou ator, qualquer coisa, coloque ela pra fora, é o momento de colocar ela pra fora porque outras pessoas fizeram um monte de coisas iguais, você vai precisar fazer uma coisa diferente. A verdade é essa. A coisa diferente é a sua vida, porque ninguém no mundo viveu ela. Então, a sua mentalidade, do que você acha, do que você quer viver, do que você quer passar, é só seu. Então, se você coloca isso na arte é único, não tem outro igual. Então, eu acredito que Jorge Amado, infelizmente, não vou conseguir ser igual a ele, só que eu quero ser o Caio, igual o Joãozinho vai ser o Joãozinho, a Mariazinha vai ser a Mariazinha, e é isso. Eu admiro extremamente escritores contemporâneos, continuem produzindo. Eu sei que o mercado é muito difícil, eu sei que essa luta pra ser reconhecida é muito difícil, só que eu peço ao máximo que os próximos, os que estão comigo, continuem produzindo acima de tudo. Até me arrepiei, gente. Foi um recado até pra mim. Porque eu acho que o Brasil e as pessoas em volta, e você mesmo precisa disso.

DOSSIÊ daGAVETA

Briga de Bar

Seu Manel era homem honesto, não desses que se diz do bem, era do bem de verdade. Desses que já deu banho no mendigo no meio da rua, desses que já deu trabalho pra prostituta, desses que não vai pra igreja, não vai pra macumba, só tem um altazinho em casa com São Jorge porque diz ele que esse é o santo do povo e, sendo do povo, o único a quem se pode rezar. Junto da casa do seu Manel, na frente, ele tinha um bar.

Luz amarela, balcão de vidro, seis mesas da Brahma dispostas ao longo do pequeno salão e mais outras tantas empilhadas pra quem chegasse e não tivesse lugar. Ele ficava ali, atrás do balcão, entregando cerveja, cafézinho, torresmo, ovo cozido, salaminho, sardinha frita... E os bebuns, seus amigos de longa data, iam se embebedar e empanturrar.

O negócio era do pai do pai de Manel, todos Manéis, nenhum deles bebia, mas bebida no subúrbio era algo que dava dinheiro. Muito calor e pouca coisa pra fazer, o cenário perfeito era o futebol na televisão posicionada num quadrado de ferro, com portinhola quando o bar fechava, e os cascos estralando do Manoelzinho barrigudo de cabelo branco.

E se eu falo de futebol, perdão aos torcedores dos outros times, mas eu vou falar exatamente do dia decisivo, como todos os dias eram para esses dois times, em que Flamengo e Vasco duelavam no Maracanã. Um a um o placar, a maioria do bar era flamenguista, uma pouca parcela vascaína, e quase nada dos outros times espalhados. Manel era botafoguense, doente, e ele teimava que não colocava final de flamenguista e vascaína na televisão porque nos outros bares dava confusão.

Mas todos insistiram que ele perdia clientela.

Lá estava ele, entregando a bandejinha de carne de sol, quando o Flamengo marcou outro em cima do Vasco e alguém gritou “Chupa corno!”. Quem gritou foi o Betão, uma geladeira de homem que só ficava estressado em dia de jogo, mas ele disse brincando. O homem que ele gritou no ouvido era Cadinho, marido de Joana, corno de verdade, que não entendeu na brincadeira.

E a virilidade masculina, que anda de mãos dadas com a burrice, fez com que Cadinho levantasse da cadeira, esbarrasse no Arnaldo, e fizesse a bandeja de carne de sol voar pra todo lado. E antes fosse só esse o problema,

DOSSIÊ daGAVETA

mas Cadinho empurrou Betão, e Betão caiu em cima de outra mesa, e agora não só tinha carne de sol no chão como três cascos quebrados de cerveja. Então metade deu razão para Cadinho e metade achou exagero e ficou do lado de Betão. Logo, o diminutivo e o aumentativo caíram na porrada.

Soco pra cá e pra lá, chute pra cima, e Seu Manel atrás do balcão gritando pra ninguém quebrar nada do bar dele. Confusão. Quem tentava separar acabava entrando na briga.

Vasco marcou mais um, placar dois a dois.

Foi daí que, não se sabe como, mas estava todo mundo se engalfinhando, flamenguista com flamenguista, vascaíno com vascaíno. Engraçado que no meio de campo também começava um xingamento, um empurrão, um soco e o Seu Manel de lá era um juiz contra vários jogadores.

Briga histórica, desde o Coliseu, os torcedores dos gladiadores retiários contra secutores, o banho de sangue na arena respingava na arquibancada. Então era arremesso de pedra, briga entre as torcidas, e aquele palanque de horror fomentava que isso acontecesse mais vezes. O que acontecia no bar do Seu Manel era o respingo de secular romano, ou se formos puxar, o lado animal biológico. Ou o que prefiro dizer, burrice.

Outra coisa que não se sabe como foi é que Cadinho, apesar do tamanho, apesar da finura, apesar de não ter cara de briga, derrubou Betão. Davi e Golias. Ele pegou uma garrafa, deu-lhe na cabeça de Betão e fez o gigante cair de cara no meio-fio. O sangue primeiro saiu explodido, deu tempo de Betão gritar, e depois o sangue fez rio pelo asfalto, e todo mundo ficou em silêncio na mesma hora.

Seu Manel saiu de dentro do bar abrindo espaço entre a muralha de homens mais altos que ele, e encontrou Betão morto e Cadinho paralisado.

“Apita o juiz! Fim de jogo no Maracanã, e apesar da briga no meio do campo, os rivais empatam no final do segundo tempo.”

**Caio Liima, Autor de
*Céu de Asfalto e Fruto Podre***